

## TORCIDAS ANTIFASCISTAS NO BRASIL: USOS DO FACEBOOK NA MILITÂNCIA ESPORTIVA, POLÍTICA E SOCIAL

Larissa Bezerra<sup>1</sup>

Frank Antonio Mezzomo<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto busca compreender o contexto da formação das torcidas antifascistas no Brasil e como elas utilizam o *Facebook* para discutir suas pautas. A discussão se dá a partir de quatro grupos paulistas, escolhidos por serem ativos na rede social, contar com engajamento e agregar participantes. A partir de uma perspectiva interdisciplinar e utilizando a etnografia de tela, coletamos as publicações realizadas pelos grupos no *Facebook* durante 2020. Identificamos vários temas, dos quais 17 foram apresentados com mais frequência, e que evocam tanto questões relacionadas ao futebol, quanto pautas sociais e políticas. As atuações das torcidas podem conectar o esporte a uma agenda mais ampla, vocalizando resistências e sinalizando transformações sociais.

**Palavras-chave:** Torcidas antifascistas; Redes sociais; *Facebook*.

### Anti-fascist fans in Brazil: uses of Facebook in sports, political and social activism

**Abstract:** This paper aims to understand the context of the formation of anti-fascist fans in Brazil and how they use Facebook to discuss their agendas. The discussion is based on four groups from São Paulo, chosen by assets in the social network, with engagement and aggregation of participants. From an interdisciplinary perspective and using virtual ethnography, we collected the publications made by the groups on Facebook during 2020. We identified several themes, 17 were presented more frequently, and evoke issues related to football, social and political agendas. Fans actions can connect sport to a broader agenda, vocalizing resistance and signaling social transformation.

**Key words:** Anti-Fascist fans; Social networks; Facebook.

As torcidas de futebol antifascistas e coletivos de torcedores têm sido alvo de muitas discussões no Brasil, por participarem ativamente da vida política e social e por levantarem diversos debates sobre elitização e exclusão no futebol e sobre desigualdade social e preconceitos existentes na sociedade. As redes sociais têm sido um dos principais lócus de eco desses debates.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Paraná. Email.: laribezerra7@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente dos PPGs Sociedade e Desenvolvimento, História Pública e Professor de História da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Líder do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder e editor da Revista NUPEM. E-mail: frankmezzomo@gmail.com Email.: frankmezzomo@gmail.com

Tomando essa ideia como premissa, que também é reforçada pela literatura, buscamos compreender o contexto de formação das torcidas antifascistas no Brasil e como elas utilizam o *Facebook* para discutir suas pautas. A fim de percorrer esse objetivo, procuramos, num primeiro movimento, apresentar alguns apontamentos sobre o contexto da formação de quatro coletivos de futebol: Coletivo Democracia Corinthians, Palmeiras Antifascista, Santos FC Antifascista e Bonde do Che (São Paulo), escolhidos por serem ativos nas redes sociais e estarem entre as mais populares no Brasil. Na sequência, buscamos traçar um perfil das postagens realizadas por esses coletivos no *Facebook*, como são feitas, que tipo de material são utilizados e quais são os principais temas abordados.

As postagens são marcadas por reivindicações de cunho futebolístico, como elitização do esporte e desigualdade entre futebol feminino e masculino; de cunho social, como repúdio ao racismo, à homofobia e ao machismo e, também, de caráter político, com diversas críticas ao governo federal, eleições municipais, entre outras situações. Para a realização da pesquisa, utilizamos ferramentas da etnografia de tela, coletando as publicações no *Facebook* dos grupos e dividindo por temas. Ao todo, foram 1.392 postagens, com 17 temas aparecendo com maior frequência. A coleta foi feita manualmente e todas as imagens foram salvas com ajuda de um aplicativo de captura de tela. Acompanhamos esses coletivos em outras redes sociais, como *Twitter* e *Instagram*, mas optamos pela observação no *Facebook* por ser a plataforma em que os coletivos têm maior número de seguidores.

O corpus empírico, além da literatura de base, refere-se às postagens dos grupos durante o ano de 2020 que, de acordo com Cerreia (2020), foi uma época importante na consolidação da militância desses grupos, que foram às ruas protestar contra o racismo e pela democracia e ganharam, pela primeira vez, uma maior atenção dos meios de comunicação e da sociedade. São materiais em diversos formatos: imagens, textos, imagens acompanhadas de textos, vídeos, *lives* etc.

Segundo Polivanov (2013), os primeiros trabalhos que se preocuparam com a interação social na internet tinham um forte viés etnográfico, sendo realizados no início da década de 1990, embora o termo pode adquirir concepções diferentes dependendo da área do conhecimento em que é utilizada. Isto é, há

diferentes apropriações interdisciplinares, próprias de um mundo marcado pela complexidade (BAUMANN, 2007). No caso, da etnografia voltada para o ambiente virtual, o próprio nome não é consenso entre os pesquisadores. São utilizados termos como netnografia, etnografia virtual, webnografia e ciberantropologia (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011). Independente das variações terminológicas de um conceito ainda em construção, entendemos, para efeitos de nossa pesquisa, que a etnografia pode ser adequada, pois embora não seja possível um estudo exatamente como se faria presencialmente, nos ambientes digitais existem práticas de sociabilidade e conflitos tal como nos ambientes *off-line* (POLIVANOV, 2013).

Partimos do princípio de que o futebol, a política e a sociedade não são, ou pelo menos não deveriam ser tratados como assuntos que não se relacionam. Além do caráter lúdico, esse esporte pode ser um poderoso catalisador de reivindicações coletivas e, portanto, tem um viés privilegiado para interpretar a sociedade (TEIXEIRA e HOLLANDA, 2016; DAMATTA, 1982). Por isso, os estudos sobre futebol mostram a possibilidade de se abordar o assunto por múltiplos ângulos de análise, sendo interessante objeto para compreender as relações entre diversos temas da sociedade (HELAL, 2011; PINHEIRO, 2020).

### **O surgimento dos coletivos de torcedores no Brasil e o contexto da formação das torcidas antifascistas em São Paulo**

Antes de desenvolvermos alguns aspectos do surgimento das torcidas antifascistas no Brasil e, especificamente, em São Paulo, é necessário pontuarmos noções sobre o que estamos entendendo por fascismo e antifascismo. Segundo Ribeiro (2021) o movimento antifascista surgiu na Europa entre 1920 e 1930, como oposição ao fascismo italiano e ao nazismo alemão. No Brasil, no início dos anos 1930, surgiu para combater a Ação Integralista brasileira, grupo ultraconservador, de inspiração italiana. Ainda de acordo com o autor, mesmo com a derrota do nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as ideias propagadas continuaram presentes na sociedade.

As características do que seria o Ur-Fascismo ou Fascismo Eterno, conceito de Umberto Eco (1995) são: o culto à tradição, a rejeição à razão, a obsessão por uma conspiração, o ódio ao pacifismo, repressão da sexualidade, desprezo pelas mulheres e linguagem repetitiva. Nessa dinâmica é que novas

lutas antifascistas surgiram e são resultado de um movimento autonomista europeu iniciado na década de 1980, que pregava a descentralização do poder e autogestão e tinha as pautas concentradas “no combate ao neonazismo, ao neofascismo, à xenofobia, ao racismo, à misoginia, à LGBTQIA+fobia e ao capitalismo” (RIBEIRO, 2021, p. 6).

Os conceitos de fascismo e antifascismo no Brasil ganharam as discussões cotidianas quando torcidas que se diziam antifascistas foram às ruas contra o presidente Jair Bolsonaro em 2020, mas antes disso, em 2005, já começaram a ser identificadas experiências de torcedores brasileiros visando garantir direitos democráticos de acesso aos estádios e aos clubes, que se expandiram principalmente depois da realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014. Santos e Helal (2019) chamam essas experiências de “movimentos de torcedores”, mas dizem que muitos se denominam como movimentos sociais, grupos ou frentes, porque cada um tem um perfil, método de ação ou estratégia política diferente. A Ultras Resistência Coral, do Ferroviário de Fortaleza, marca essa nova organização de torcedores, nascendo em 2005 e inspirada, principalmente, nas torcidas ultras de esquerda na Itália.

O alastramento de pautas políticas e sociais pelas torcidas é o que Pinheiro (2020) define como a “quarta onda” de torcidas no futebol brasileiro, sendo a primeira onda ligada às torcidas comandadas pelo chefe de torcida entre os anos 1950 e 1970, com integrantes uniformizados e festividade. Já a segunda se deu a partir dos anos 1980, com o surgimento de diversas organizadas jovens, estruturadas além do jogo, com estratégias coletivas decididas a partir de uma diretoria. Na terceira, os novos agrupamentos surgem com rachaduras dentro das torcidas organizadas ou em oposição a elas. Por fim a quarta onda, na qual se inserem a Ultras Resistência Coral e as demais torcidas de esquerda, “tem origem em um processo de politização exterior ao futebol, sob o viés da esquerda política, que constituiu uma rede de torcidas antifascistas” (PINHEIRO, 2020, p. 32).

Depois dos protestos de 2013, que tinham a realização da Copa do Mundo no Brasil como um dos principais motivos de descontentamento, outros fatores sociais contribuiriam para que os torcedores se engajassem. A partir de 2014, com o processo de elitização dos estádios de futebol para a Copa, o que contribuiu para aumentar o preço dos ingressos e outras formas de exclusão de torcedores, dobrou o número de coletivos (em relação a 2013) que decidiram se colocar no

*Facebook*, para discutir esses e outros problemas. Para Gomes (2020), o que ficou conhecido como “Padrão Fifa”, para as construções e reformas de estádios visando o Mundial, impôs valores de “modernização”, “evolução” e “desenvolvimento”, ignorando culturas locais e formas de torcer próprias do futebol brasileiro.

Uma pesquisa de 2013, apontou que o Brasil tinha então o ingresso mais caro do mundo, representando cerca de 5,5% do salário mensal de um empregado (OLIVEIRA, 2013). Segundo Palhares e Schwartz (2015), esse dado permite compreender por que, nos anos de 2012 e 2013, o Brasil teve menos público nos estádios que em países como México, China, Japão e Austrália.

Nesse contexto, em 2014, as torcidas Santos Antifascista e Palmeiras Antifascista foram fundadas. E não por acaso, se colocam fortemente contra o “futebol moderno” em suas publicações e ressaltam isso na descrição da página.

**Imagem 3:** Escudo Santos FC Antifascista



Fonte: *Facebook* Santos FC Antifascista

**Imagem 4:** Escudo Palmeiras Antifascista



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

A Santos FC Antifascista<sup>3</sup> diz “unidos contra o fascismo, o preconceito e o futebol moderno”. A página contava, até início de janeiro de 2021, com 17.412 curtidas. Em um post quando tinha ainda pouco mais de 2 mil seguidores eles dizem que:

É com muita satisfação que notamos um crescimento cada vez mais forte, não só entre xs Antifas Santistas, mas em todas as torcidas do Brasil e do mundo, o que mostra que nossa união pode derrubar barreiras geográficas e culturais. Uma organização em unidade e combativa é necessária à medida que

<sup>3</sup> A página da Santos FC Antifascista está no endereço: <https://www.facebook.com/santosantifa>

o fascismo e a burguesia tentam ganhar as ruas e as arquibancadas de futebol (SANTOS FC ANTIFASCISTA, 2015).

Já a Palmeiras Antifascista<sup>4</sup> diz em sua descrição que é “antifascismo contra o futebol moderno e contra a intolerância nas arquibancadas”. A página contava com 28.292 curtidas até 9 de janeiro de 2021. De acordo com Gomes (2020), a motivação para que esses torcedores se organizassem foi, em uma partida no Pacaembu, terem visto um torcedor vestido com um agasalho de um grupo fascista de torcedores da Lazio, vendo a necessidade de se opor a este tipo de ação nas arquibancadas.

Mas o que seria esse “futebol moderno”, digno de ódio por parte de torcedores organizados e coletivos de esquerda? O símbolo dessa luta é uma bola de couro antiga envolta e estilizada por uma grinalda verde-oliva e que alguns torcedores mais engajados chegam a tatuar o emblema. O termo futebol moderno foi utilizado pela primeira vez em 1999, por um torcedor da Roma, num texto publicado na internet com o título *Against modern football manifesto*, em tradução livre “Manifesto contra o futebol moderno”. Embora com algumas contradições teóricas referentes ao que seria o esporte moderno, o conceito designa transformações sociais, culturais e econômicas nos estádios e clubes, causadas pela hipermercantilização do futebol (LOPES, 2018; LOPES e HOLLANDA, 2018; NUMERATO, 2014).

Em 2016, outro evento político mobilizou as arquibancadas: a posse de Michel Temer na presidência do país após o *impeachment* de Dilma Rousseff. Teixeira e Holanda (2016) afirmam que nos estádios brasileiros puderam ser observadas diversas faixas de protesto denunciando um “golpe político”. Neste ano, surgiram os grupos Bonde do Che<sup>5</sup> e Coletivo Democracia Corinthiana.

---

<sup>4</sup> Segue o endereço da página da Palmeiras Antifascista: <https://www.facebook.com/palmeirasantifascista>

<sup>5</sup> Esse grupo surgiu como “São Paulo Antifascista”, mudando de nome depois, por acreditar que a base do movimento de torcidas antifascistas é “pequeno-burguesa e alheia ao futebol”.

**Imagem 5:** Escudo Bonde do Che



Fonte: Facebook Bonde do Che

**Imagem 6:** Escudo CDC



Fonte: Facebook Coletivo Democracia

O Coletivo Democracia Corinthiana (CDC)<sup>6</sup>, com 25.060 curtidas, tem dois sites<sup>7</sup>, um deles, embora não seja atualizado há bastante tempo, tem fotos de algumas ações realizadas e uma explicação do que é o coletivo, que se diz um grupo de natureza cultural, educativa e política, destinado a promover valores democráticos, a luta progressista popular por acessos e direitos, sendo inspirados pelo *ethos* corinthiano. Diz ainda ter surgido como resposta à escalada conservadora fascista no Brasil, não tendo ligação com nenhum partido político, mas se apondo àqueles que vão contra os interesses dos trabalhadores e que tenham ações machistas, racistas e homofóbicas. Deixa claro também, como a conjuntura política de 2016 influenciou esses torcedores:

- 3) O CDC reconhece o termo Golpe de Estado para definir o processo que retirou do poder a presidenta Dilma Rousseff e instalou em seu lugar o usurpador Michel Temer.
- 4) O CDC valoriza e apoia a luta contra a corrupção, mal que deve ser eliminado do Brasil, mas condena o show midiático promovido por setores do Ministério Público, o aparelhamento do judiciário pelos setores conservadores e a conduta seletiva da Operação Lava Jato, desde sempre complacente com aqueles azuis no espectro político.
- 5) O CDC adota uma postura crítica e independente em relação a qualquer governo. No caso presente, demanda do governo federal as reformas necessárias na gestão do Estado e uma postura ética na defesa do patrimônio público. Ao mesmo tempo, valoriza os avanços sociais e econômicos registrados desde 2003.

<sup>6</sup> A página do CDC pode ser acessada no endereço: <https://www.facebook.com/coletivodemocraciakorinthiana>

<sup>7</sup> Para mais informações, consultar: <https://coletivodemocraciakorinthiana.wordpress.com/> e <https://www.coletivodemocraciakorinthiana.com/>

6) O CDC repudia veementemente os ataques aos direitos dos trabalhadores e a supressão de direitos resultante das políticas do governo golpista (COLETIVO DEMOCRACIA CORINTHIANA).

Além de outras observações, o coletivo termina o texto ressaltando que participa de todos os atos políticos pela democracia e contra o que chamam de golpe, referindo-se ao *impeachment* de Dilma Rousseff, e que trabalha realizando eventos educativos que valorizem o exercício de cidadania, em conjunto com coletivos feministas, LGBTs, jovens, sem-terra, estudantes, artistas, professores e intelectuais.

Já o Bonde do Che (BDC)<sup>8</sup> se descreve como “antifascistas da Torcida Independente, do São Paulo Futebol Clube”. Esse grupo deixa claro que não é uma torcida, mas um grupo formado por torcedores da Independente, maior organizada do São Paulo, e que são antifascistas, embora prefiram se dissociar do termo. Entre os quatro coletivos paulistas, são os mais ativos no *Facebook* e também contam com o maior público: 35.285 curtidas anotadas em janeiro de 2021.

Com posicionamentos políticos bastante claros, o BDC se colocou contra Michel Temer e as políticas liberais que vieram com o governo do mdebista. Postaram fotos de faixas nas ruas e nos estádios com a frase “fora Temer”, e também escreveram sobre o assunto, quando participaram de uma manifestação de caminhoneiros insatisfeitos com os preços dos combustíveis<sup>9</sup>, em 2018, dizendo que,

Não apenas Temer, que não passa de um fantoche descartável do imperialismo estrangeiro e da nossa burguesia globalista: queremos o fim de todas as políticas neoliberais e práticas entreguistas! Pelo fim da precificação burguesa dos combustíveis! Nacionalização dos meios de produção já! Fora Temer! Fora Parente! Fora Ianques (BONDE DO CHE, 2018).

Embora fundados antes de 2016, os grupos Santos FC Antifascista e Palmeiras Antifascista continuaram se manifestando nas redes sociais, inclusive contra o *impeachment* de Dilma Rousseff. Em março de 2016, o coletivo do

---

<sup>8</sup> A página do Bonde do Che pode ser acessada no seguinte endereço: <https://www.facebook.com/bdc.tti>

<sup>9</sup> O que foi chamado pela mídia em 2018 de Greve dos Caminhoneiros, durou vários dias e foi uma paralisação desses profissionais no Brasil, reivindicando melhores preços para os combustíveis, embora houvesse uma minoria que exigia, por exemplo, intervenção militar (UOL, 2018).

Palmeiras publicou uma nota explicando por que não aprovava os protestos contra a então presidente, mesmo não apoiando o governo da petista e diversas medidas que, na visão deles, prejudicavam os trabalhadores. Eles salientam que

jamais iremos marchar ao lado de corruptos. Jamais iremos nos alinhar com os burgueses e patrões. Jamais iremos atender ao chamado de partidos como PMDB e PSDB. JAMAIS, NUNCA JAMAIS, estaremos engrossando as fileiras de gente que pede a volta da Ditadura Militar e dos anencéfalos da extrema direita, que perseguem e espancam homossexuais e imigrantes, como os Carecas do ABC. Pois é gente, é hora de pensar. Você vai querer estar em uma manifestação ao lado de todos esses? Sim, pois eles estarão lá (...) Não apoiamos o governo Dilma e somos contra toda essa roubalheira que está vindo a tona... No entanto, mais uma vez, temos de dizer que o dia 13 não nos representa. Somos a favor sim de um Brasil e um mundo novo, porém construído pelos trabalhadores, organizados em comunidades e constituindo um governo que atenda os interesses da maioria do povo! E não será ao lado daqueles que marcharão amanhã (PALMEIRAS ANTIFASCISTA, 2016).

Embora todas essas manifestações tenham ocorrido até então, as torcidas antifascistas tiveram o ativismo evidenciado apenas em 2018, durante as eleições presidenciais, contando com as tecnologias digitais para se mobilizarem e foi o bolsonarismo, mesmo antes das eleições de 2018, responsável por incitar expressivas discussões sobre fascismo e antifascismo, assim como aconteceu em várias partes do mundo com a ascensão de diversos políticos de extrema direita (CERREIRA, 2020).

O ultraconservadorismo emergente e a ascensão da direita, principalmente da extrema direita, foi significativa no cenário mundial, protagonizada em disputas entre Donald Trump e Hillary Clinton, nos Estados Unidos; Emmanuel Macron e Marine Le Pen, na França; Angela Merkel e o partido ultra-direitista AfD, na Alemanha e, no Brasil, representados pelos partidos PMDB, PSDB e o bloco partidário liderado por Jair Bolsonaro e as igrejas evangélicas. No Brasil, esse cenário político está atualmente

polarizado e altamente inflamado diante da construção de dois grupos pela extrema direita, o dito cidadão de bem em contraposição à esquerda brasileira. Como dito, tais grupos foram construídos por um discurso político da extrema direita, o qual afronta e viola os direitos humanos, especialmente dos grupos minoritários (SOARES; SIMÕES; ROMERO, 2020, p. 195).

Aqui, as manifestações em 2013 ajudam na compreensão da ascensão do atual presidente Jair Bolsonaro, que de maneira mais contundente nas eleições presidenciais de 2018, mas mesmo antes disso, tinha discursos extremos, ao criar um inimigo comum, não reconhecer seus adversários, além da demonstração de patriotismo exacerbado. Essas expressões não são formas de ação inovadoras, mas “cópias borradas de outros sistemas políticos, como o americano” (SOARES; SIMÕES; ROMERO, 2020, p. 204). Lima (2019) diz que os discursos de Bolsonaro durante a campanha foram machistas, misóginos, xenofóbicos, homofóbicos, racistas e de incitação à violência e que, sem nenhum escrúpulo, ele se sente autorizado a dizer que “as minorias têm que se curvar às maiorias”, o que leva a crer que essa mensagem representa uma parcela significativa dos brasileiros, que apenas pensam o que ele tem o despudor de dizer.

Essa concordância da população com discursos extremos foi agravada pelo advento das *fake news*, que apelavam para situações morais e religiosas. Isso aconteceu com mais intensidade nas eleições presidenciais, em 2018, com informações falsas sendo espalhadas inclusive pelo próprio Jair Bolsonaro, como foi o caso do que ficou conhecido como “kit gay”<sup>10</sup>. Existe, ainda, o chamado “gabinete do ódio”, formado por assessores de Bolsonaro, sendo investigado por apoiar uma rede de *blogs* bolsonaristas e perfis nas redes sociais que espalham notícias falsas e ataques contra jornalistas, políticos e artistas que criticam o presidente. Essa rede de desinformação seria bancada com dinheiro público (MELLO, 2020). Além disso, segundo a agência de checagem Aos Fatos (2021), em 828 dias como presidente, Bolsonaro deu 2.783 declarações falsas ou distorcidas<sup>11</sup>.

Mas apesar dos diversos problemas com as *fake news*, o uso da internet também serviu para dar visibilidade a alguns grupos, como os coletivos

---

<sup>10</sup> Segundo o veículo jornalístico Congresso em Foco, o projeto Escola sem Homofobia estava dentro do programa Brasil sem Homofobia, do governo federal, em 2004 e era voltado para a formação de educadores, não de alunos, como alegava Bolsonaro. Durante a eleição, ele utilizou o livro “Aparelho sexual e Cia: um guia inusitado para crianças descoladas”, do suíço Phillipe Chappuis, publicado no Brasil pela Companhia das Letras, para afirmar que fazia parte do “kit gay”, mas o material nunca fez parte do projeto educacional dos governos do PT. Bolsonaro chegou a mostrar o livro em entrevista no Jornal Nacional, na Rede Globo, e a posição dele sobre o assunto foi exaustivamente compartilhada na internet pelo próprio e por seus apoiadores (MOTA, 2020).

<sup>11</sup> A última atualização foi no dia 8 de abril de 2020. No site da Aos Fatos, é possível ver todas as declarações que foram checadas e o motivo de serem falsas: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declaracoes-de-bolsonaro/>.

antifascistas, que participaram de manifestações em 2018, contra Bolsonaro, então candidato pelo Partido Social Liberal (PSL), alegando que ele proferia discursos antidemocráticos e preconceituosos, por isso, “no movimento #EleNão e em comícios de Fernando Haddad, a presença numerosa destes grupos, tal como as faixas e adereços que os identificavam, tiveram destaque durante os atos” (CERREIA, 2020, p. 71). Não é coincidência que 2018 tenha sido até agora o ano em que mais surgiram torcidas antifascistas: 16 delas criaram perfis no *Facebook* no ano eleitoral. Mesmo depois, esses torcedores continuaram ativos nas redes sociais e tornaram suas ações ainda mais sólidas no ano de 2020.

Segundo Numerato (2018), esse envolvimento de torcedores na política fora dos estádios de futebol é recente, mas em vários países os torcedores têm estado na linha de frente de protestos e manifestações. Para o autor, as torcidas não apenas refletiram mudanças políticas, mas se tornaram atores significativos de transformações políticas mais amplas. Como, no Brasil, em particular com os quatro coletivos paulistas, essas manifestações têm reverberado nas suas páginas do *Facebook*?

### **Os usos do *Facebook* na militância das torcidas antifascistas**

As redes sociais, principalmente o *Facebook*, tiveram um papel importante nas Jornadas de Junho, em 2013, para organização e informação das manifestações públicas. Segundo Cerreia (2020), a rede chegou a registrar a participação de 70% dos brasileiros, durante as principais datas dos protestos. Diversos autores consideraram este o estopim para o surgimento das torcidas LGBTs e antifascistas, que iniciaram a militância na internet, após as Jornadas de Junho, tendo as plataformas *on-line* como principal ferramenta de propagação de ideias.

Como apresentado por Vimieiro (2014), por diversas razões pouco havia sido produzido sobre torcedores de futebol e a relação com a internet e novas tecnologias, mesmo que, no extinto Orkut – um serviço de rede social lançado pelo Google em 2004 – algumas das comunidades mais ativas eram as relacionadas aos clubes de futebol. Isso se deu porque o torcedor quase nunca é visto como produtor de qualquer tipo de conteúdo. Mas esse cenário mudou com a militância política das torcidas na internet. De acordo com Soares e Zago (2018), as torcidas antifascistas têm utilizado as redes sociais para se comunicar,

exibindo faixas enaltecendo a presença de mulheres e LGBTs nos estádios, defendendo a importância desses grupos para uma sociedade mais igualitária e divulgando o futebol feminino, além de divulgar informações de ações das torcidas e outros temas que não costumam aparecer em manchetes nas mídias tradicionais.

Em 2018 a internet também foi decisiva em protestos políticos no Brasil. O movimento #EleNão, contra a eleição de Jair Bolsonaro, conseguiu um apelo popular expressivo por conta das redes, inclusive com a colaboração e participação das torcidas antifascistas, que conseguem utilizar as plataformas digitais de maneira eficaz para as mobilizações (CERREIA, 2020).

Destacamos, entre essas, Coletivo Democracia Corinthiana, Palmeiras Antifascista, Santos Antifascista e Bonde do Che, que vem fazendo das redes sociais fontes de informação, mobilização e educação acerca de temas como desigualdade social, machismo, LGBTfobia, racismo, entre outras pautas. Os quatro grupos foram ativos no Facebook em 2020, postando diversos conteúdos de cunho político, social e cultural. Como dissemos anteriormente, Palmeiras Antifascistas e Santos FC Antifascista começaram a publicar na rede social em 2014, enquanto Coletivo Democracia Corinthiana e Bonde do Che em 2016. Este último, por exemplo, tem uma média de publicações maior que os outros, pelo menos no recorte temporal escolhido para a pesquisa.

No quadro 1 podemos visualizar o número de publicações de cada um e a média diária.

**Quadro 1:** Periodicidade das postagens no *Facebook* dos quatro grupos de torcedores em 2020

<b>Coletivo</b>	<b>Total de postagens</b>	<b>Média diária de publicações</b>
Coletivo Democracia Corinthiana	307	0,83
Bonde do Che	788	2,1
Palmeiras Antifascista	122	0,33
Santos Antifascista	175	0,47
<b>Total</b>	<b>1.392</b>	<b>3,73</b>

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao formato, as publicações desses torcedores vão desde imagens desacompanhadas de outro conteúdo, passando por imagens com

legendas, vídeos, vídeos com legendas, textos, notícias, *lives*, até eventos do próprio *Facebook*. Esse último formato também foi utilizando, já que a rede social permite que se crie uma espécie de grupo para falar de um acontecimento determinado e por tempo específico, com horários, lembretes e recados para pessoas interessadas em comparecer, seja ele *on-line* ou presencial. No quadro 2, vemos a divisão de como cada coletivo fez seus *posts* durante 2020.

**Quadro 2:** Formato das publicações dos quatro grupos de torcedores em 2020

Coletivo	Image m	Imagem + legenda	Víde o	Vídeo + legend a	Texto	Notíci as	Liv e	Event o
Coletivo Democracia Corinthiana	30	174	3	22	5	35	35	3
Bonde do Che	80	463	19	66	10	150	0	0
Palmeiras Antifascista	2	80	0	12	5	22	0	1
Santos Antifascista	1	96	0	4	17	57	0	0

Fonte: Dados da pesquisa

Todos os coletivos tiveram preferência em colocar imagens acompanhadas de um texto de legenda. Esse tipo de postagem representou mais de 50% das que foram feitas pelo Coletivo Democracia Corinthiana, Santos Antifascista e pelo Bonde do Che. Na Palmeiras Antifascista esse número foi um pouco menor, 45,7%.

O segundo mais utilizado foram as notícias. Os torcedores se utilizam de *links* para sites de notícias tanto da grande mídia quanto da mídia alternativa (*blogs* e sites dos clubes também foram incluídos nesta categoria) para reforçar um pensamento, para tecer críticas ao veículo ou ao alvo da reportagem ou somente para informar os seguidores de algo que consideraram importante.

Imagens solitárias e vídeos com legendas também foram elementos bastante empregados pela maioria. E nota-se, ainda, que as *lives* foram utilizadas somente pelo CDC e em grande volume: 35 no total. Elas tratam de diversos assuntos, como educação, saúde, política, meio ambiente, entre outros, sempre convidando profissionais da área para exporem seus estudos, pensamentos e opiniões. Nas eleições municipais, o grupo tinha a intenção de fazer esses vídeos

ao vivo entrevistando todos os candidatos da esquerda em São Paulo, no primeiro turno. Embora não tenham conseguido falar com todos, por conta das agendas de campanha, chegaram a fazer entrevistas com alguns dos candidatos, como Vera Lúcia do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) e Orlando Silva, vinculado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Vale lembrar que utilizar-se de uma ou outra forma para as postagens não garante que elas sejam melhores ou piores. Cada grupo tem um objetivo e um público que quer atingir e usa de estratégias diferentes. O Bonde do Che, por exemplo, chegou a explicar em sua página que prefere não fazer *lives* porque não faz parte do propósito da página trazer conteúdo dessa maneira.

Em uma tentativa ensaística e buscando dar organicidade ao corpus empírico, procuramos sistematizar em 17 temas aglutinadores as 1.392 postagens publicadas pelos quatro coletivos paulistas em 2020. Suas análises permitem desdobramentos, correlações e problematização das similaridades e especificidades que marcam os coletivos. No quadro 3 apresentamos os temas que mais apareceram e a quantidade de vezes que foram mencionados por cada torcida.

**Quadro 3:** Quantidade e percentuais de temas abordados pelos quatro coletivos paulistas em 2020

<b>Tema</b>	<b>Bonde do Che</b>	<b>Coletivo Democracia Corinthians</b>	<b>Palmeiras Antifascista</b>	<b>Santos FC Antifascista</b>
Ações solidárias	58 / 7,3%	19 / 6,1%	9 / 7,3%	5 / 2,8%
Antirracismo	41 / 5,2%	9 / 2,9%	10 / 8,1%	21 / 12%
Apoio ou participação em protestos	28 / 3,5%	27 / 8,7%	4 / 3,2%	6 / 3,4%
Causa indígena	5 / 0,6%	2 / 0,6%	11 / 9%	0 / 0%
Causas feministas/LGBTQIA+	12 / 1,5%	8 / 2,6%	11 / 9%	2 / 1,4%
Clube/futebol masculino	174 / 22%	17 / 5,5%	6 / 4,9%	28 / 16%
Contra a ditadura	0 / 0%	1 / 0,3%	6 / 4,9%	0 / 0%

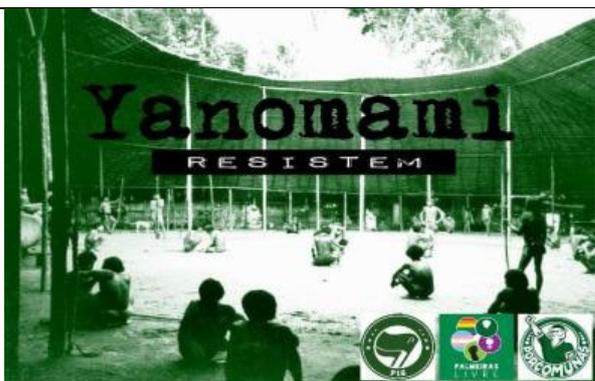
Covid-19	46 / 5,8%	20 / 6,5%	4 / 3,2%	9 / 5,1%
Críticas ao governo federal	106 / 13,4%	35 / 11,4%	3 / 2,4%	8 / 4,5%
Críticas/piadas com rivais	62 / 7,8%	0 / 0%	1 / 0,8%	1 / 0,5%
Eleições municipais	1 / 0,1%	22 / 7,1%	0 / 0%	1 / 0,5%
Futebol feminino	15 / 1,9%	4 / 1,3%	17 / 13,9%	4 / 2,2%
Futebol moderno	4 / 0,5%	1 / 0,3%	3 / 2,4%	32 / 18,2%
História	25 / 3,1%	18 / 5,8%	13 / 10,6%	10 / 5,7%
Personagens de esquerda	45 / 5,7%	29 / 9,4%	6 / 4,9%	10 / 5,7%
Torcida	102 / 12,9%	35 / 11,4%	7 / 5,7%	17 / 9,7%
Violência policial	9 / 1,1%	10 / 3,2%	1 / 0,8%	4 / 2,2%
Outros	55 / 6,9%	50 / 16,3%	10 / 8,1%	17 / 9,7%
<b>Total/%</b>	788 /100%	307 / 100%	122 / 100%	175 / 100%

Fonte: Dados da pesquisa

No quadro 4, além da definição de cada tema, podemos visualizar alguns exemplos de publicações dos quatro coletivos.

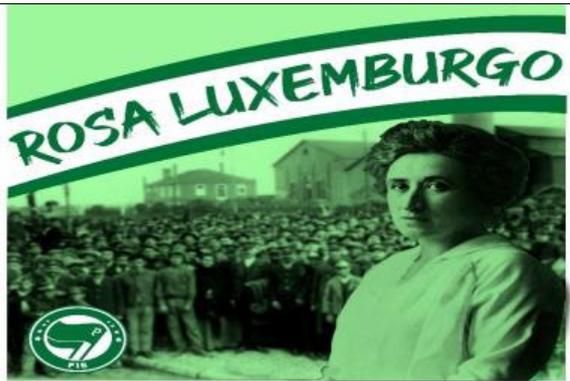
**Quadro 4:** Temas, definições e exemplos de pautas das torcidas antifascistas

Tema	Definição	Exemplo
Ações solidárias	Publicações para divulgar arrecadação de alimentos, trabalho voluntário, doação de sangue, entre outras. São iniciativas da própria torcida ou em auxílio a outros grupos e entidades.	<p>Amigas e amigos do CDC, vamos apoiar nossas irmãs e irmãos nesse momento tão difícil. Todo valor arrecado será revertido em cestas básicas. Vamos somar nessa luta!</p> <p>Banco Santander Agência 1561 C/C 13000736-5 Edimesia Antônia da Silva CNPJ 29.858.083/0001-36</p> <p>UNIÃO EM COMBATE À FOME E A COVID-19</p> <p>AÇÃO SOCIAL: <b>SCAMISA02</b></p> <p>APOIO:</p>

<p>Antirracismo</p>	<p>Repúdio a episódios racistas (no futebol ou qualquer outro ambiente), críticas ao racismo estrutural, conscientização sobre o tema e exaltação de pessoas negras.</p>	
<p>Apoio ou participação em protestos</p>	<p>Publicações referentes a protestos pelos quais os grupos têm simpatia, tendo ou não participado deles.</p>	
<p>Causas indígena</p>	<p>Denúncias de invasão de terras indígenas, genocídio indígena e outros problemas enfrentados por esses povos.</p>	
<p>Causas feministas/ LGBTQIA+</p>	<p>Questões feministas, de igualdade de gênero, repúdio a ações machistas e violência contra a mulher. Postagens contra homofobia, campanhas de conscientização e valorização da diversidade de gênero.</p>	

<p>Clube/futebol masculino</p>	<p>Publicações sobre jogos das equipes masculinas e de outras modalidades (com exceção do futebol feminino que vem em outra categoria), críticas à gestão do clube ou mesmo elogios.</p>	 <p>106 ANOS</p> <p>ESTAMOS PRESENTES HOJE E SEMPRE</p> <p>The poster features a collage of historical and modern club moments, including players, fans, and stadium scenes. A small circular logo with the number 106 is in the bottom right corner.</p>
<p>Contra a ditadura</p>	<p>Postagens manifestando contrariedade a membros do governo e a pessoas que manifestam apoio ao regime civil-militar do Brasil.</p>	 <p>DITADURA NUNCA MAIS</p> <p>Memória, verdade e justiça</p> <p>The poster has a dark background with a red and white circular logo at the bottom center. A banner at the top reads 'DITADURA NUNCA MAIS'.</p>
<p>Covid-19</p>	<p>Publicações que tiveram relação com a pandemia da doença, seja conscientização sobre os cuidados, informações sobre o auxílio emergencial e vacina.</p>	 <p>CORONAVIRUS NÃO É BRINCADEIRA</p> <p>LAVE BEM AS MÃOS EVITE AGLOMERAÇÕES CUIDE DO SEU SISTEMA IMUNOLÓGICO: DORMINDO BEM, COMENDO DIREITO E SE EXERCITANDO E LEMBRE-SE: CASO VEJA UM FASCISTA, QUEIME-O!</p> <p>The poster features a pink piglet in the center. On the left is a circular logo with 'ANTIFASCISTISCHE CORONAAKTION' and on the right is a circular logo with 'P16'. The hashtag '#DEFENDA O SUS#' is at the bottom right.</p>
<p>Críticas ao governo federal</p>	<p>Opiniões de contrariedade ao presidente Jair Bolsonaro e a membros do governo, como compartilhamento de notícias negativas, pedidos de <i>impeachment</i> e repúdio a declarações.</p>	 <p>PELA SOBREVIVÊNCIA DO PAÍS!</p> <p>FORA BOLSONARO/MOURÃO</p> <p>The poster shows a black and white portrait of Jair Bolsonaro with a black bar over his mouth and red eyes. A circular logo is in the bottom right corner.</p>

<p>Críticas/piadas com rivais</p>	<p>Publicações em que os grupos criticam ações de outros times e torcidas ou fazem brincadeiras com derrotas e outras situações.</p>	
<p>Eleições municipais</p>	<p>Postagens feitas no período eleitoral de 2020, sobre candidatos na disputa. Contém críticas aos candidatos que as torcidas não consideram adequados (de direita) e elogios àqueles (de esquerda) a quem apoiam. Falam de planos de governo e pautas dos candidatos.</p>	
<p>Futebol feminino</p>	<p>Publicações relacionadas ao futebol feminino, como divulgação de datas e horários das partidas e como assistir aos jogos, contratações, convocações, comemorações de vitórias e títulos etc.</p>	
<p>Futebol moderno</p>	<p>Publicações sobre elitização do esporte, alto preço de ingressos, repressão às torcidas organizadas e luta por democratização nas arquibancadas e clubes.</p>	

<p>História</p>	<p>Divulgações de fatos históricos, explicação de datas como o “Dia do Refugiado”, “Dia do Trabalhador” e “Dia da Mulher”, de tragédias que ocorreram no país e pelo mundo, entre outras.</p>	
<p>Personagens de esquerda</p>	<p>Figuras importantes dentro da esquerda política e que foram lembradas de alguma forma pelos grupos, por exemplo: aniversários, data da morte, citações e homenagens.</p>	
<p>Torcida</p>	<p>Levamos em conta publicações que tratam do próprio grupo ou da torcida do clube em geral, como a divulgação de redes sociais, venda de artigos (bonés, camisetas), sobre a história da torcida etc.</p>	
<p>Violência policial</p>	<p>Materiais que mencionam ações abusivas da polícia (principalmente militar), em relação aos torcedores, aos manifestantes e demais cidadãos.</p>	

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto às temáticas abordadas, existem semelhanças entre os grupos. Além das que já mencionamos, como as críticas direcionadas ao governo, questões de gênero e sexualidade e contra a mercantilização do futebol, outros temas também chamam atenção, tais como o antirracismo, discutido com muita frequência. Não que isso não fosse questionado antes pelos torcedores, mas em 2020, o racismo foi um tema muito presente, principalmente depois da morte de George Floyd, nos Estados Unidos, morto por um policial branco, que se ajoelhou por 9 minutos em seu pescoço, mesmo que ele tenha dito repetidamente que não conseguia respirar (BBC News, 2020)<sup>12</sup>. Isso gerou uma grande onda de protestos nos EUA e em todo o mundo (G1, 2020).

É importante explicar que inserimos o futebol feminino como tema separado de clube/futebol masculino por conta de todas as dificuldades e desafios ainda enfrentados pela modalidade e pelo fato de ter sido pauta constante entre as torcidas antifascistas, enquanto as torcidas tradicionais ainda não discutem com ênfase este tema.

Mesmo os coletivos, grupos e torcidas antifascistas partilhando de muitos valores e ideias e de que existem apoio e mobilizações coletivas entre eles, identificamos diferenças e especificidades. Como aponta Pinheiro (2020), a atuação de alguns agrupamentos ocorre em geral nas redes sociais, outros não possuem uma base política de militância ou não atuam nos estádios e em manifestações. E, além das diferenças quanto à forma de atuar, ainda existem aquelas relacionadas às pautas levantadas por cada torcida, alguns atuam mais fortemente pensando em questões de gênero, na causa indígena, outros em questões relacionadas às ações do governo federal.

Com a pandemia, os coletivos passaram a abordar a Covid-19 de diversos pontos de vista, como por exemplo, cuidados higiênicos e de distanciamento social recomendados por profissionais da saúde, auxílio-emergencial, questões relativas à educação, como volta às aulas presenciais e prova presencial do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), entre várias outras. E um dos pontos altos de 2020, para esses torcedores, foram as manifestações de maio e junho, que tiveram destaque na imprensa e nas redes sociais, nas quais se mobilizaram

---

<sup>12</sup> O ex-policial Derek Chauvin foi condenado, em abril de 2021, pela morte de George Floyd.

contra o racismo, pela democracia e contra o presidente Jair Bolsonaro, principalmente pelo descontentamento com a condução da pandemia.

### **Considerações finais**

O contexto de surgimento das torcidas antifascistas e coletivos de torcedores no futebol brasileiro se deu, sobretudo, a partir da primeira década dos anos 2000. A partir de momentos de instabilidade social, política e esportiva, iniciadas com as Jornadas de Junho de 2013, por conta dos gastos com a Copa do Mundo, parecem ter sido o estopim das manifestações. Entre as torcidas, essa mobilização continuou crescendo a partir de 2014 com a militância pela democratização dos estádios, que sofreram com a elitização para o Mundial. Essa atuação, posteriormente, se expandiu para diversos outros tipos de militância, com pautas sociais e políticas, como o impeachment de Dilma Rousseff e as eleições presidenciais em 2018. Em 2020 podemos dizer que se constituiu uma consolidação da militância com protestos significativos nas ruas de todo o país e que ganharam destaque nos meios de comunicação.

Nesse cenário, e tomando por base os acontecimentos ocorridos no Brasil, podemos compreender o surgimento e as principais pautas dos quatro principais coletivos de São Paulo, o Coletivo Democracia Corinthiana, Palmeiras Antifascista, Santos FC Antifascista e Bonde do Che. Com a coleta das postagens realizadas nas páginas do *Facebook* dos coletivos, totalizando 1.392 publicações em 2020, identificamos 17 temas que apareceram com mais frequência. A maioria dos temas se relaciona com situações sobre racismo e machismo, da pandemia de Covid-19, bem como ações do governo federal para combater o coronavírus, que as torcidas consideraram insuficientes, negligentes e até mesmo criminosas.

A utilização do *Facebook* é uma ferramenta relevante para esses torcedores, para informar, educar e mobilizar. Embora sejam importantes as atuações nas ruas e estádios, a militância *on-line* tem sido importante recurso de mobilização, para que esses movimentos e seus propósitos se façam conhecidos e para que aqueles que ainda não conseguem se mobilizar fora da internet, por medo da intolerância, tenham seu espaço de existência. A partir de diversas formas de ativismo essas torcidas podem se converter em mais um mecanismo na busca por ambientes plurais e democráticos, no futebol e além dele. Embora ainda tenham menos seguidores que as torcidas tradicionais e páginas ligadas ao

futebol mas que não falam sobre política, somados os grupos têm mais de 110 mil seguidores e 1.392 publicações somente em 2020. É possível perceber, ainda, pelas publicações, que eles se mobilizam fora das redes, o que também é bastante importante para a consolidação da militância.

Tudo isso reforça o pensamento de diversos autores que dialogamos no texto, para quem o futebol não pode ser dissociado da vida social, política, econômica e as torcidas parecem perceber essa ligação e levantando discussões, disputando espaço com narrativas contra-hegemônicas em um ambiente muito marcado por machismo, homofobia, a falsa sensação de “democracia racial” e pela crescente mercantilização e elitização do esporte. De fato, todos esses assuntos estiveram presentes nas publicações das torcidas. Entre dezenas de temas discutidos, 17 apareceram com mais frequência e se relacionam ao futebol, pautas sociais e políticas, sempre o sentido de inclusão e democratização, principalmente no que diz respeito a situações que a sociedade brasileira está vivenciando na contemporaneidade, com uma crise política e econômica, aumento das desigualdades e momento de pandemia.

Assim, a ideia de Roberto DaMatta (1982) de que o futebol é fundamental para compreensão da sociedade em que se vive se confirma no futebol brasileiro. Os novos movimentos políticos e sociais que surgiram nas torcidas reforçam ativismos já existentes e mostram que é possível (e até mesmo necessário) usar o esporte e os problemas que se manifestam nele, como ponto de partida para a mudança social. Sendo o futebol parte da sociedade e expressão da mesma, também pode contribuir para mudanças estruturais maiores, principalmente pelo alcance enorme que possui.

### Fontes

CASO George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelho em seu pescoço causa indignação nos EUA. **BBC News**, São Paulo, 27 de maio de 2020. Disponibilidade em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52818817>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

CLEMENT, J. Facebook - Statistics & Facts. **Statista**, Alemanha, 3 de fevereiro de 2020. Disponibilidade em: <https://www.statista.com/topics/751/facebook/>. Acesso em: 16 dez. 2021.

ECO, Umberto. Ur-Fascism: Freedom and liberation are na unending task. **The New York Review**, Nova York, 22 de junho de 1995. Disponibilidade em: <<https://www.nybooks.com/articles/1995/06/22/ur-fascism/>> Acesso em: 16 dez. 2021.

FONSECA, João Pedro. Como torcidas de futebol tentam retomar história de participação política. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 de março de 2020. Disponibilidade em: <https://oglobo.globo.com/esportes/como-torcidas-de-futebol-tentam-retomar-historia-de-participacao-politica-24457718>. Acesso em: 16 dez. 2021.

GREVE dos caminhoneiros: a cronologia dos 10 dias que pararam o Brasil. **UOL**, São Paulo, 30 de maio de 2018. Disponibilidade em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2018/05/30/greve-dos-caminhoneiros-a-cronologia-dos-10-dias-que-pararam-o-brasil.htm>. Acesso em: 16 dez. 2021.

GRILO, Rodrigo; NINA, Roberta; IAMIN, Leandro. A primavera das torcidas antifascistas. **Elástica**, São Paulo, 24 de junho de 2020. Disponibilidade em: <<https://elasticaoficial.com.br/especiais/antifascista-protestos-torcidas-futebol/>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MELLO, Patrícia Campos. Por que os brasileiros deveriam ter medo do gabinete do ódio. **New York Times**, São Paulo, 04 de agosto de 2020. Disponibilidade em: <<https://www.nytimes.com/pt/2020/08/04/opinion/international-world/bolsonaro-gabinete-do-odio.html>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MOTA, Erick. Kit gay nunca foi distribuído em escola; veja verdades e mentiras. Congresso em Foco, Brasília, 11 de janeiro de 2020. Disponibilidade em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/educacao/kit-gay-nunca-foi-distribuido-em-escola-veja-verdades-e-mentiras/>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

OLIVEIRA, Rafael. Ingressos para futebol no Brasil são os mais caros do mundo, aponta pesquisa. **Extra**, Rio de Janeiro, 24 de março de 2013. Disponibilidade em: <<https://extra.globo.com/esporte/ingressos-para-futebol-no-brasil-sao-os-mais-caros-do-mundo-aponta-pesquisa-7927470.html>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

PROTESTOS contra a morte de George Floyd pelo mundo nesta sexta-feira. **G1**, Rio de Janeiro, 05 de junho de 2020. Disponibilidade em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/05/protestos-contr-a-morte-de-george-floyd-pelo-mundo-nesta-sexta-feira-5-fotos.ghtml>> Acesso em: 16 dez. 2021.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.); VEIGA-NETO, Alfredo et. al. **Caminhos investigativos II**: outros

modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 11-33.

CERREIA, Nathalia Borges. **As torcidas antifascistas no Brasil**: um estudo sobre o ativismo online nas eleições presidenciais de 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2020.

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n. 49, p. 1-18, 2017. Disponibilidade em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n49p1>> Acesso em: 21 jan. 2022.

FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História da USP**, São Paulo, n. 163, p. 149-174, 2010. Disponibilidade em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19174>> Acesso em: 21 jan. 2022.

FRAGOSO, Suely. Eu odeio quem odeia... Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na ‘tomada’ do Orkut. **E-Compós**, Brasília, v. 6, p. 1-22, 2006. Disponibilidade em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/89>> Acesso em: 21 jan. 2022.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOMES, Vitor. **A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, 2020.

HODGES, Andrew. **Fan activism, protest and politics**: ultras in post-socialist Croatia. Londres: Routledge, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; LOPES, Felipe Tavares Paes. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Revista Tempo**, Niterói, v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018. Disponibilidade em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/Z86TWNzX98QGC5xMq8JjRh/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 21 jan. 2022.

LIMA, Flávio Ribeiro de. As eleições de 2018 e a ascensão da extrema direita no Brasil. **Revista Percursos**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 207-215, 2019. Disponibilidade em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percursos/article/view/49779>> Acesso em: 21 jan. 2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes. A luta política do coletivo futebol, mídia e democracia: análise do seu manifesto de fundação. **Revista Alterjor**, São Paulo,

v.1, n. 10, p. 50-64, 2020. Disponibilidade em: <  
<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/164917>> Acesso em: 21 jan.  
2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Futebol, massa e poder: reflexões sobre a 'teoria do contágio'. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 15, p. 479-495, 2015. Disponibilidade em: <  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1519-549X2015000300003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2015000300003)> Acesso em: 21 jan. 2022.

MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. **Mulher no futebol - no campo e nas arquibancadas**. In: v seminário internacional enlaçando sexualidades, 2017, Salvador. Anais. Salvador: Realize, v. 1, p. 1-10, 2017. Disponibilidade em: <  
<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30644>> Acesso em: 21 jan. 2022.

NUMERATO, Dino. **Football fans, activism and social change**. Londres: Routledge, 2018.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?** São Paulo: Editora UNESP, 2015.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras resistência Coral (1950-2020)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2020.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, São Paulo, 2017.

POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na internet**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013, Manaus. Disponibilidade em: <  
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-0346-1.pdf>> Acesso em: 21 jan. 2022.

RIBEIRO, Luís Francisco Prates de Lima. **“Nem guerra entre as torcidas nem paz entre as classes”**: as torcidas organizadas antifascistas no futebol brasileiro. In: 9º Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compólitica), IX, 2021, online. Anais. Porto Alegre: Compólitica, p. 1-25, 2021. Disponibilidade em: <  
[https://drive.google.com/file/d/1\\_Jm-DDfTTCSEkG-SVNrIrcnZCVAj10ln/view](https://drive.google.com/file/d/1_Jm-DDfTTCSEkG-SVNrIrcnZCVAj10ln/view)> Acesso em: 21 jan. 2022.

SANTOS, Irlan Simões. **Novas culturas torcedoras: das arenas do futebol-negócio à resistência nas arquibancadas e redes.** 2017. 247 f. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2017.

SANTOS, Irlan Simões. HELAL, Ronaldo. De espectador a militante: los hinchas del fútbol y su lucha por el derecho al estadio y al club. **Trans-Pasando Fronteras**, Cali, n. 13, p. 218-242, 2019. Disponibilidade em: <[https://www.icesi.edu.co/revistas/index.php/trans-pasando\\_fronteras/article/view/3493](https://www.icesi.edu.co/revistas/index.php/trans-pasando_fronteras/article/view/3493)> Acesso em: 21 jan. 2022.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, n. 97, p. 23-40, 2013. Disponibilidade em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/6WV7TBcKVrbZDdb7Y8mFVZp/?lang=pt>> Acesso em: 21 jan. 2022.

SOARES, Alessandra Guimarães; SIMÕES, Catharina Libório Ribeiro; ROMERO, Thiago Giovani. Crises econômicas, ascensão da extrema direita e a relativização dos direitos humanos. **Revista Cadernos de Campo**, Araraquara, n. 28, p. 193-223, 2020. Disponibilidade em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/14194>> Acesso em: 21 jan. 2022.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 28, p. 1-26, 2016. Disponibilidade em: <<https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48474>> Acesso em: 21 jan. 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 23-38.

VIMIEIRO, Ana Carolina. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 31, n. 1, p. 23-59, 2014. Disponibilidade em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17534>> Acesso em: 21 jan. 2022.